

GAYS E LÉSBICAS: VOZES DA LITERATURA NORTE-AMERICANA CONTEMPORÂNEA[i]

Eliane Berutti (UERJ)

MATRAGA 12, 1999

Em 28 de junho de 1969, o bar *The Stonewall Inn*, localizado no Greenwich Village, Nova Iorque, foi invadido pela polícia, como era de rotina. Naquele dia, entretanto, houve luta, ao invés da habitual atitude de submissão por parte dos *gays* e lésbicas. O protesto popular decorrente desse confronto durou cinco dias e mudou, de forma definitiva, a atitude dessas minorias perante a sociedade norte-americana. O incidente de Stonewall, ou como é conhecido em inglês, *the Stonewall riots*, passou para a história como o início do movimento social dessas minorias por seus direitos. Na literatura, sua marca também foi relevante, já que se transformou no divisor da literatura norte-americana *gay* e lésbica.

Este artigo visa a abordar a produção ficcional *post-Stonewall*, ressaltando a contribuição da literatura dessas minorias para discutir questões culturais contemporâneas. Três temas serão tratados neste artigo: a família, a AIDS, e a monogamia, respectivamente, através dos contos "The Cinderella Waltz" de Ann Beattie, e "The Times as It Knows Us" de Allen Barnett, e da história em quadrinhos "Serial Monogamy" de Alison Bechdel.

O primeiro conto a ser discutido é assinado por um nome que se destaca na produção ficcional norte-americana contemporânea. Ann Beattie retrata em seus livros e contosii[ii] questões culturais relativas à chamada *baby-boom generation*, tais como drogas, relações familiares, o conflito cidade/campo, entre outras. Em "The Cinderella Waltz", Beattie privilegia as relações familiares conturbadas por um casamento desfeito não por uma outra mulher mas sim por um *gay*. A ex-mulher é quem detém o foco narrativo, o que torna o conto interessante por tratar da problemática *gay* vista pelo olhar de uma mulher heterossexual. Devo destacar aqui que esse conto faz parte da antologia *The Penguin Book of Gay Short Stories*iii[iii] editada por David Leavitt, uma das vozes mais consagradas da literatura *gay post-Stonewall*. Para o editor da antologia, o conceito de literatura *gay* não se restringe apenas a textos escritos **por** e **para** mas, principalmente, **sobre** *gays*.

O conto de Beattie enfoca personagens da classe média norte-americana: Milo, o ex-marido é arquiteto, a mulher faz ocasionalmente *free lance* em arte para revistas e Bradley, o amante, trabalha em uma agência de propaganda. Assim como a narrativa revela, gradualmente, acontecimentos envolvendo as personagens, a narradora/personagem também desvela, lentamente, suas próprias emoções em relação ao abandono e posterior envolvimento com a problemática *gay*. No entanto, a dificuldade de relacionamento não reside entre a ex-mulher e o amante do marido mas sim entre ela e seu ex-marido. Um ano após a separação, ela convida o casal *same-sex oriented* para entrar em sua casa em Connecticut, onde havia vivido

com o marido durante anos, enquanto esperam Louise, a filha de nove anos, chegar da casa de uma amiga. Bradley é quem aceita o convite, acabando com o silêncio embaraçoso. A ex-mulher e o amante se falam pelo telefone uma vez por semana, conseguindo manter uma relação pessoal ainda que distante. Quando Bradley é despedido, ele vai ao encontro da ex-mulher de seu amante para revelar suas próprias dificuldades em seu relacionamento *gay*, aumentando a cumplicidade entre os dois. " ... Não posso acreditar nisso. Um ano depois de meu marido ter me deixado, estou sentada com seu amante - um homem, uma pessoa de quem eu gosto muito - e tentando animá-lo porque ele está desempregado. "iv[iv]

Torna-se óbvio para o leitor que as mesmas dificuldades e queixas da ex-mulher em relação a Milo também são compartilhadas por Bradley. Pode-se concluir que a angústia de Milo com o casamento permanece, mesmo assumindo sua identidade *gay*. Ele continua sendo uma pessoa extremamente problemática, com dificuldades em compartilhar sua vida e emoções com outra pessoa, independente do sexo. O último fim de semana retratado no conto reúne as quatro personagens na cidade de Nova Iorque, no mesmo apartamento em que anos atrás a narradora havia vivido com seu marido até Louise completar dois anos de idade. Nesse fim de semana, as relações entre ex-mulher e amante assumem proporções mais íntimas que vão coroar na revelação culminante em que Bradley confessa seu amor por Milo.

Nesse conto sobre relações familiares norte-americanas contemporâneas, a personagem mais interessante não é, a meu ver, a ex-mulher por sua habilidade em lidar com uma questão extremamente dolorosa para ela - a de ter sido abandonada por seu marido por outro homem. O mérito, na minha opinião, recai sobre Louise, a filha do casal que costura esses dois mundos - o *gay* e o heterossexual. Por sua causa, a mãe se vê obrigada a se relacionar não apenas com o ex-marido mas também com Bradley. O acordo do casal de que a criança passaria os fins de semana com o pai e seu amante força a ex-mulher a lidar com essa situação embaraçosa. Entretanto, a criança de nove anos, assim como as crianças na vida real, acaba ensinando a mãe a ultrapassar o preconceito e amar as pessoas como elas são.

Louise, ao contrário de Milo, é capaz de amar e demonstrar carinho. Ela se sente completamente à vontade com a relação *gay* de seu pai; ela faz o papel de anfitriã no apartamento de Nova Iorque. Além disso, ela gosta especialmente de Bradley; ela leva plantas para ele e preocupa-se quando ele está resfriado. A narradora, entretanto, indaga: "Eu me pergunto o quanto ela sabe".v[v] Pergunta extremamente ingênua e protetora, por se tratar de uma criança dos anos 90 que frequenta uma metrópole norte-americana. Quando Milo revela, após o brinde de champagne, que finalmente tomou a decisão de ir morar em São Francisco, Louise, de uma forma sincera e corajosa, faz a pergunta que vem angustiando silenciosamente tanto sua mãe como Bradley: "O que é São Francisco, afinal de contas?" Mudar-se para essa cidade significa para Milo, aparentemente, conseguir um melhor emprego, já que o seu em Nova Iorque está "em risco". Tomando uma atitude tipicamente norte-americana, Milo não hesita em sacrificar sua família e sua relação pessoal por um bom emprego. Não obstante, devido às queixas tanto de sua ex-mulher como de seu amante, o

leitor compreende que a mudança geográfica aponta para além do trabalho. São Francisco torna-se emblemático da dificuldade de relacionamento, de amar pouco sua filha, sua ex-mulher e seu parceiro.

O conto de Ann Beattie deu margem à discussão de relações familiares suscitadas pela literatura *gay*. Este artigo também abre espaço para outra questão cultural contemporânea - a inevitável abordagem da AIDS, tema da literatura *gay post-Stonewall*, principalmente nos anos 80. Allen Barnett morreu de AIDS cerca de um ano após a publicação, em 1990, da coleção de contos *The Body and Its Dangers*. "Seu conto mais importante, 'The Times as It Know Us' contrapõe a descrição estereotipada de *gays* com AIDS por parte da mídia com o comportamento mais complicado de moradores de uma casa de Fire Island durante um fim de semana de crise de AIDS ." vi[vi]

Durante o verão sobretudo, Fire Island torna-se um reduto *gay* assim como Provincetown e Key West. Clark, o narrador do conto mencionado, alugou uma casa nessa ilha perto de Nova Iorque junto com um amigo, Perry. O ex-amante de Clark, Samuel, havia morrido no inverno anterior. Ele era a ligação entre Clark e Perry que também tinham em comum morte, sexualidade e doença, já que Horst, o amante de Perry, era um PWA^{vii}[vii]. No fim de semana enfocado pelo conto, outros amigos *gays* partilhavam da casa de verão.

A contraposição acima mencionada reside exatamente na visão deturpada sobre a AIDS veiculada pelo *New York Times* e, no pólo oposto, a realidade vivenciada pelos amigos *gays*. Segundo o ponto de vista de Clark, a forma como os homens homoeroticamente inclinados se retratam, nunca coincide com a do jornal. Ao fazer trabalho voluntário falando sobre a AIDS em grupos comunitários, o narrador vinha colecionando artigos de jornal sobre a crise, desde quando o *Times* noticiou anos atrás: "Cancer raro em 41 homossexuais". Através de suas leituras atentas, Clark observou que o jornal passou a usar o termo *gay* ao invés de *homossexual*, com sua conotação clínica, ao mesmo tempo que adotou *Ms.* no lugar de *Miss*. Uma constatação pertinente através da leitura de um artigo foi a da associação da infecção do vírus HIV com a AIDS, que determinaria uma posterior mudança de linguagem no tratamento dessa questão.

Os *gays* adotaram um novo procedimento na própria leitura do jornal. Primeiramente, eles liam o obituário; depois, as palavras cruzadas. Como a palavra AIDS era omitida, o processo a ser utilizado era o de dedução. Através da idade, estado civil e ocupação, eles conseguiam descobrir as vítimas da epidemia. Outra informação valiosa era a agência funerária, porque poucas prestavam serviço a portadores do vírus HIV. Além disso, a localização da igreja onde o culto seria realizado ajudava, visto que eles eram familiarizados com o clero *gay*. Ademais, palavras tais como "cancer", "pneumonia", e "menigite" faziam parte do sistema de localização. Por que essa procura incessante, pode-se perguntar? Em primeiro lugar, porque eles estavam tentando não apenas rastrear a extensão da epidemia mas também entender melhor as manifestações da doença. Em segundo lugar, e mais pessoal, porque tratando-se de

doença infecciosa, eles próprios poderiam estar contaminados, uma vez que muitos dos mortos tinham sido seus ex-amantes. A previsão para 1991 era bastante perturbadora - o mesmo número de mortos somente nesse ano equivaleria ao total de soldados mortos no Vietnã. Cumpre mencionar que muitas dessas vítimas seriam pessoas conhecidas e, provavelmente, ex-amantes. Curiosamente, o advento das mortes trouxe Shakespeare de volta, citado constantemente pelos assistentes sociais: "Dê palavras à dor". Não obstante, o narrador enfoca a dor de maneira diferente, sob uma ótica *gay*: "Encontre na dor o abandono que você encontrava no amor; sofra da forma que você costumava trepar."viii[viii]

Uma jornalista do *Times* publicou um artigo sobre a AIDS, após ter entrevistado um dos donos da casa. Entretanto, Joe, amigo de Clark, criticou esse mesmo artigo: "Não gosto da forma como ela insinua que a morte já se tornou tão rotineira para nós, nós não sentimos mais: Paul morreu hoje. Oh, isso é horrível; o que tem pro jantar? Por que você não pôde dizer para ela que nós estamos aprendendo a apaziguar a dor?"ix[ix] Perry, o entrevistado, também foi responsabilizado por outros amigos pelo teor do artigo. Apesar das críticas, o dono da casa apresenta uma visão bastante perspicaz: "... - e eu pensei que nós éramos a melhor casa na ilha para ilustrar como a crise havia se tornado um estilo de vida."x[x] Pode-se considerar essa casa de Fire Island como representante de comunidades *gays*.

Indiscutivelmente, a AIDS trouxe um novo estilo de vida, estilo esse vivenciado pelos moradores da casa. Por exemplo, Horst, o amante de Perry, acordava diariamente às quatro horas da manhã para poder, em jejum, tomar um suco de laranja com AL721, uma droga inventada em Israel e usada no tratamento da AIDS. Por causa do barulho do liquidificador, os outros moradores também acordavam. Esse episódio denota a alteração na rotina de vida. Além do uso constante de camisinha, dos cuidados e limites impostos ao ato sexual, e da própria abstinência sexual no caso dos infectados, a AIDS trouxe, acima de tudo, um questionamento sobre a sexualidade. Apesar dos conflitos, brigas, divergências de opiniões, crises de ciúmes e atos de egoísmo, cabe, em minha opinião, acentuar outros aspectos que legitimizam as relações desses amigos e amantes *same-sex oriented*: o companheirismo, a amizade, a compreensão e a cumplicidade fazem parte da rotina diária dos moradores da casa de Fire Island, porque vários deles já perderam ex-amantes e/ou amigos. A preocupação constante com a limpeza da casa e dos objetos pessoais igualmente traduz a conscientização da doença e o pavor de transmiti-la. A deterioração não apenas do corpo mas também da mente é retratada nesse fim de semana. No meio da crise, com lapsos de memória, Enzo pergunta pelo amante de Clark, falecido meses atrás. Após cuidar de Enzo durante a noite, o narrador ainda foi capaz de sentir a beleza do dia e apreciar estar vivo. Noah, um de seus amigos, refere-se a ele como "Superman"; mas Clark não se vê assim. Para ele, o que importa são "... essas conexões com os outros, com o que é humanamente possível fazer."xi[xi]

Marcelo Secron Bessa, ao discutir os papéis desempenhados pela representação e visibilidade nos discursos da AIDS, tece o seguinte comentário:

"... A literatura *gay* norte-americana faz *visível* como *sujeito* do discurso a sua comunidade, ao contrário de muitos discursos sobre a AIDS (especialmente da mídia televisiva), que sempre ignoram aquela e outras comunidades como *sujeitos*, como espectadores ou leitores, mas sempre transformando-as em *objetos* de seus discursos."xii[xii]

Cabe agora sublinhar a terceira questão cultural proposta neste artigo - a monogamia. Alison Bechdel destaca-se na produção lésbica norte-americana pelo humor utilizado nas histórias em quadrinho. "O sucesso total das histórias de Bechdel depende da forma como as mulheres na América ... reconhecem seu elenco de personagens e são, portanto, invocadas para examinar seus próprios preconceitos e rir de suas posturas."xiii[xiii]

"Serial Monogamy" mapeia o cotidiano das lésbicas, suas angústias e questionamentos. O próprio título, ironicamente, faz alusão aos *serial killers*, condenando a monogamia à categoria de infração cultural. Após seu último caso, a protagonista lésbica decide organizar um *scrapbook* de todos os seus amores, avaliando sua vida emocional, tentando "encontrar algum sentido nessa progressão desnorteante de aventuras fracassadas".xiv[xiv] Obviamente, esse sentimento de fracasso se origina da concepção cultural que elege a monogamia como a fórmula correta de amar. No entanto, o discurso lésbico/feminista predomina: "Eu sabia que monogamia e amor romântico eram apenas constructos machistas criados para colocar as mulheres em seu lugar ..."xv[xv] Além disso, ela tinha certeza de que o casamento de seus pais assim como as relações mais duradouras não eram modelos a serem seguidos. Talvez, ela argumenta, a televisão seja responsável por sua idéia arraigada de monogamia, quando assistia na infância os *sit-coms* açucarados e patriarcais, mostrando casamentos e famílias felizes.

Além de questionar a monogamia como mito cultural, ela expressa sua frustração com o sexo e o amor. As diferentes formas utilizadas até o momento se mostraram insatisfatórias, variando desde o sexo mecânico até a paixão que, após seis meses, fez com que ela se sentisse ligada à sua amante pelo lobo frontal. As brigas, as dificuldades em dividir o mesmo espaço, a falta de liberdade, o tédio, a necessidade de sexo, a possessividade, o ciúme e o abandono são pontuados como parte do ritual de acasalamento. As soluções apontadas tais como o celibato ou uma família composta por ex-amantes são descartadas, pois não comportam nem a paixão abrasadora tampouco um relacionamento estável. Todo esse questionamento não inviabiliza o retorno ao sonho cultural da monogamia no último quadrinho da história. Finalmente, é importante assinalar que, na própria relativização da monogamia, encontra-se a afirmação do lesbianismo: "Perguntas que requerem atenção. Mas não é essa precisamente a essência da experiência lésbica? Questionar, lutar e transcender antiquados paradigmas de comportamento?"xvi[xvi]

Neste artigo sublinhou-se a importância capital da produção ficcional *post-Stonewall* para chamar a atenção para algumas questões culturais norte-americanas contemporâneas. As palavras de Spinoza que abrem o segundo conto discutido aqui me parecem apropriadas para concluir: "Com respeito aos assuntos humanos", ... "não rir, não chorar, não ficar indignado, mas entender". xvii[xvii]

NOTAS

i[i]i_Este artigo foi apresentado no VI Congresso da ABRALIC, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, em agosto de 1998.

2. *Secrets and Surprises, The Burning House, Falling in Place, Picturing Will, Where You'll Find Me, What Was Mine.*

3. BEATTIE, Ann. "The Cinderella Waltz". In: LEAVITT, David & MITCHEL, Mark, ed. *The Penguin Book of Gay Short Stories*. New York: Penguin, 1994. p.440-458.

4. *Ibid*, p.450 Minha tradução assim como todas as demais desta comunicação.

5. *Ibid*, p.441

6. SUMMERS, Claude, ed. *The Gay and Lesbian Literary Heritage*. New York: Henry Holt and Company, 1997. p.18

7. *Person with AIDS, pessoa com AIDS.*

8. BARNETT, Allen. "The Times as It Sees Us". In: LEAVITT & MITCHELL, *op. cit.*, p.384

9. *Ibid*, p.349

10. *Ibid*, p.349-350

11. *Ibid*, p.393

12. BESSA, Marcelo Secron. *Histórias Positivas: A Literatura (Des)construindo a AIDS*. Rio de Janeiro: Record, 1997 p.40-41

13. REYNOLDS, Margaret. "Introduction". In: ---. *The Penguin Book of Lesbian Short Stories*. New York: Penguin, 1994. p.xxviii

14. BECHDEL, Alison. "Serial Monogamy". In: REYNOLDS, Margaret, ed. *op. cit.*, p.359

15. *Ibid*, p.359

16. *Ibid*, p.367

17. BARNETT, Allen. *op. cit.*, p. 347